



## As construções imperativas de 2ª pessoa do singular no português brasileiro escrito dos séculos XIX e XX: rastros históricos do imperativo abrazeirado

### *The Imperative Constructions of the 2<sup>nd</sup> Person Singular in Brazilian Portuguese Written in the 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> Centuries: Historical Traces of the Brazilian Imperative.*

Luiz Fernando de Carvalho

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais/Brasil.

lufecarva@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7582-7438>

Márcia Cristina de Brito Rumeu

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais/Brasil.

mrumeu@ufmg.br

<https://orcid.org/0000-0001-9254-976X>

**Resumo:** O imperativo de 2ª pessoa do singular manifesta-se no português brasileiro por formas verbais no indicativo (*deixa*) e no subjuntivo (*deixe*). Neste estudo, à luz dos princípios da sociolinguística histórica (ROMAINE, 1982 [2010]; HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE, 2012), a expressão variável do imperativo de 2ª pessoa do singular é analisada a partir de cartas pessoais autógrafas, produzidas por brasileiros (mineiros), entre os séculos XIX e XX. Conduzidos pelo Programa GoldVarbX (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005) para a geração de índices percentuais e probabilísticos, identificamos não só a prevalência do imperativo com formas de subjuntivo (paradigma de *você*), mas também levantamos evidências do imperativo abrazeirado (PAREDES SILVA *et alii*, 2000; SCHERRE, 2007).

**Palavras-chave:** imperativo de 2ª pessoa do singular; imperativo abrazeirado, variação *tu/você*; sociolinguística histórica.

**Abstract:** The imperative of 2<sup>nd</sup> person singular is manifested in Brazilian Portuguese by the verbal forms in the indicative (*deixa*) and in the subjunctive (*deixe*). In this study, in light of the principles of historical sociolinguistics (ROMAINE, 1982 [2010]; HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE, 2012), the variable expression of the imperative of 2<sup>nd</sup> person singular is analyzed in autograph personal letters, produced by Brazilians (specifically writers from the state of Minas Gerais), between the 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> centuries. Conducted by the GoldVarbX Program (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005) in order to generate percentage and probabilistic indices, we have identified not only the prevalence of the imperative with subjunctive forms (paradigm of *você*), but we have also raised evidences of the brazilian imperative (PAREDES SILVA *et alii*, 2000; SCHERRE, 2007).

**Keywords:** imperative of 2<sup>nd</sup> person singular, brazilian imperative, *tu/você* variation, historical sociolinguistics.

## 1 Considerações iniciais

Este artigo<sup>1</sup> está voltado ao comportamento variável do imperativo de 2<sup>a</sup> pessoa do singular (doravante 2SG) em cartas mineiras dos séculos XIX e XX. Partimos do fato de se tratar de um fenômeno cuja distribuição também é diatópica (SCHERRE, 2007; CARDOSO, 2009) no português brasileiro atual (doravante PB), o que justifica que voltemos o foco desta análise para a sua manifestação em sincronias passadas (1860-1990). A expressão binária do imperativo de 2SG dá-se através do indicativo ou do subjuntivo em distribuição complementar nos contextos dos pronomes-sujeito *tu* (1) e *você* (2). Além das construções imperativas morfologicamente marcadas por formas dos paradigmas de *tu* (**aceita**) e de *você* (**aceite**), respectivamente, trazemos também à análise as formas imperativas associadas ao indicativo em contexto de *você-sujeito* (**aceita você**) como evidência do imperativo abrasileirado (3), cf. Paredes Silva *et alii* (2000).

Optamos, neste artigo, não só por negritar a construção imperativa de 2SG, ao identificá-las correlacionadas aos pronomes-sujeito *tu* ou *você* em itálico, mas também por preservar a identidade dos redatores

---

<sup>1</sup> Neste texto, trazemos à cena alguns resultados discutidos por Carvalho (2020) acerca do potencial variável das construções imperativas de 2<sup>a</sup> pessoa singular.

das cartas, colocando tão somente as iniciais de seus nomes, seguidas pelas referências ao local e à data de escritura das missivas.

- (1) “É um grande favor que me *prestarás*<sub>sujeito</sub> [...] **Acceita** lembrança [...] **Aceita** um abraço deste Teu tio [...]” (FAPJ. Caeté, 19.08.1917.)
- (2) “**Aceite** os afetuosos abraços de Saudade do seu velho amigo e admirador Murilo.” (MM. Roma, 26.10.1960)
- (3) “João disse que *você*<sub>sujeito</sub> pode repetir o remédio [...] **Lembra** seu Pae [...]” (MRVL. 02.02.1946.)

As questões norteadoras desta reflexão são as seguintes: (a) As construções imperativas de 2SG das cartas mineiras seriam mais produtivas com formas no indicativo ou no subjuntivo? (b) No contexto de *você-sujeito* das cartas mineiras oitocentistas, as construções imperativas de 2SG já se apresentariam, em algum nível, como evidência do imperativo abasileirado, conforme já observado nas cartas cariocas (RUMEU, 2016; SILVA, 2017; DINIZ, 2018)?

As hipóteses para essas questões são, respectivamente, duas. (1ª) Tendo em vista a inserção gradual do *você* no sistema pronominal (LOPES, 2007; LOPES & CAVALCANTE, 2011), conjectura-se que também os redatores mineiros se deixem orientar preferencialmente pelas formas subjuntivas correlacionadas ao *você-sujeito*, cf. Rumeu (2016) e Diniz & Rumeu (2019). (2ª) Acreditamos ser possível o rastreamento de indícios do *imperativo abasileirado* na escrita mineira oitocentista e novecentista, cf. já discutido por Rumeu (2016), Diniz (2018) e Diniz & Rumeu (2019) para as missivas cariocas dos séculos XIX e XX.

Este artigo está estruturado em cinco seções. Inicialmente, apresentamos a discussão sobre a expressão variável do imperativo de 2SG, considerando objetivos, questões e hipóteses. Na seção 1, expomos os seus traços morfológicos e sintáticos das construções imperativas de 2SG. Na seção 2, passamos a uma descrição-crítica de alguns resultados de análises linguísticas sobre os pronomes-sujeito e as construções imperativas de 2SG em amostras de missivas históricas produzidas por brasileiros, nos espaços do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, correlacionando os dois fenômenos. Na seção 3, apresentamos

os procedimentos teórico-metodológicos da sociolinguística histórica relacionados à *autoria*, à *autenticidade* e à *validade social e histórica* das amostras. Dedicamos a seção 4 à discussão dos resultados gerais da alternância indicativo/subjuntivo nas sentenças imperativas de 2SG. Expomos, na seção 5, os resultados em termos probabilísticos, visando ao rastreamento, já em sincronias passadas, do imperativo abrigado. Por fim, chegamos a algumas sistematizações, nas considerações finais, acerca do caráter variável do imperativo de 2SG em sua expressão escrita.

## 2 Os traços morfossintáticos das construções imperativas de 2SG: parâmetros de análise.

O imperativo, marcado discursivamente por ato ilocutório diretivo (SEARLE, 1969 *apud* FARIA 2006, p. 73-74), consiste em um modo verbal voltado, em geral, para situações discursivas de pedido, ordem, súplica. À luz da tradição gramatical (BECHARA, 2009 [1961]; ROCHA LIMA, 2013 [1972]; CUNHA & CINTRA, 2007 [1985]), as construções imperativas de 2SG concretizam-se não só através das formas da 2SG advindas do presente do indicativo (imperativo verdadeiro) com apócope do morfe número-pessoal “-s” (*deixa*), mas também através das formas do presente do subjuntivo (imperativo supletivo) sem alteração mórfica alguma (*olhe*). Enquanto o imperativo verdadeiro corresponde à forma do paradigma do *tu*-sujeito, o supletivo remete ao paradigma do *você*-sujeito, cf. os dados expostos em (4) e (5) cujas imagens fac-similadas estão ilustradas em (1) e (2).

- (4) “Não fôras *tu<sub>suj</sub>*, minha terna companheira e a vida para mim seria detestavel! Ah! **deixa**, minha Helena, **deixa** que nestas paginas [...]” (JP. RJ, 14.02.1891)

Figura 1 – Carta de JP. RJ, 14.02.1891

a unica verdade ! amar. Nas  
fôras tu, munka tuaia compa  
nhua e a vida para mim  
sevia ditavel! Ah! vossa, munka  
Nehua, duica que nestas paginas

Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM).

- (5) “Agora, não concordei, quando *ocê*<sub>sujeito</sub> assinou: – o velho Carlos. **Olhe**, Carlos, estou com tentação de parodiar uma carta que havia num livro manuscrito que a gente usava no 3º ano primário.” (RCAM. BH, 31.10.1978)

Figura 2 – Carta de RCAM. BH, 31.10.1978.

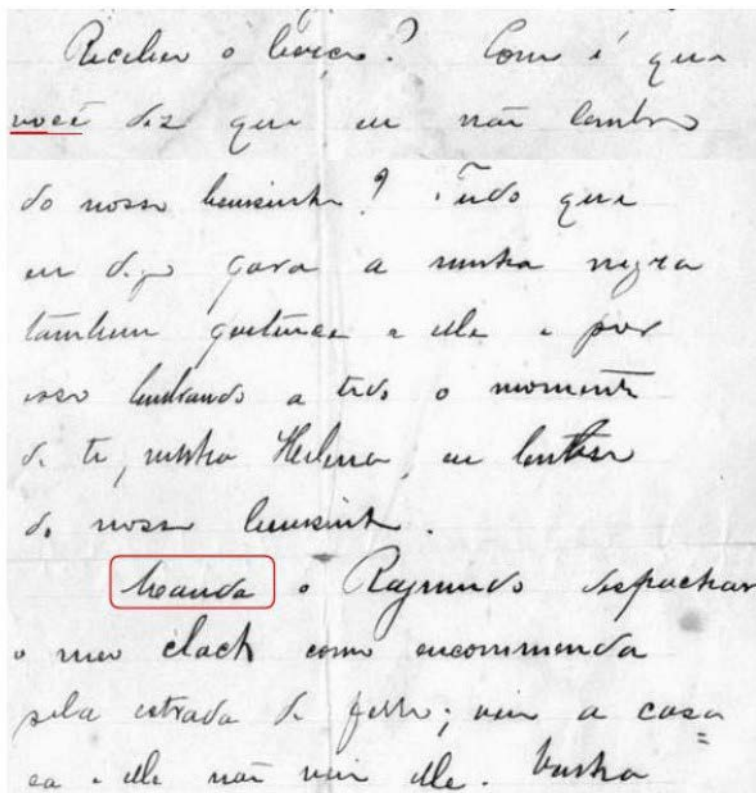
poeta, foi aquela alegria de sempre. Agora, não  
concordei, quando voce assinou: - o velho Carlos.  
Olhe, Carlos, estou com tentação de parodiar uma  
carta que havia num livro manuscrito, que  
a gente usava no 3º ano primário. Eu achava  
a carta linda. Começava assim: - "Nehua  
imã, no dia de teus anos..."

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG).

Em contexto de *ocê-sujeito*, é possível a sua correlação com o indicativo (“Vem pra Caixa você também”) como expressão do imperativo brasileiro cujos condicionamentos linguísticos e extralinguísticos já foram criteriosamente controlados por Faraco (1982), Paredes Silva

*et alii* (2000), Scherre (2007), Cardoso (2009), Rumeu (2016), Diniz (2018), Diniz & Rumeu (2019), Silva *et alii* (2019), Carvalho (2020), dentre outros. Em (6), ilustramos o imperativo abasileirado, ainda em fins do século XIX, através da forma *manda* correlacionada ao *você-sujeito* (imagem 3).

Figura 3 – Carta de JP. Ouro Preto, 09.11.1890.



Fonte: Arquivo Público Mineiro (APM).

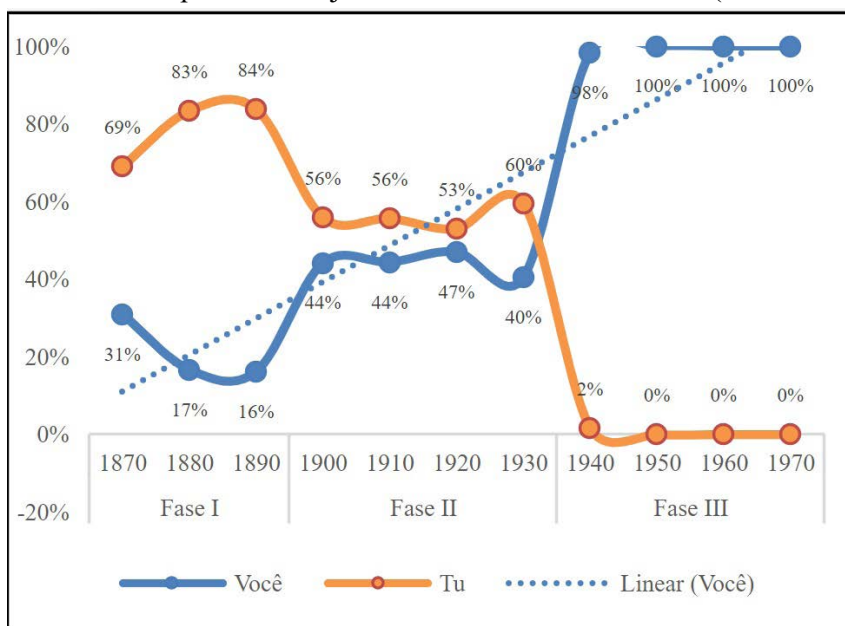
- (6) “Recebeu o berço? Como é que *você<sub>suj</sub>* diz que eu não lembro do nosso bemsinho? [...] **Manda** o Raymundo despachar o meu cloch como encomenda pela estrada de ferro [...]” (JP. Ouro Preto, 09.11.1890)

Em termos morfológicos, as construções imperativas de 2SG são aquelas que preservam as formas verbais indicativas sem o morfe [-s] como o imperativo verdadeiro (“**Faz a lição de casa agora**” em oposição ao imperativo supletivo (“**Faça** a lição de casa agora”) que, por sua vez, é inteiramente importado do subjuntivo. Em termos sintáticos, o imperativo de 2SG apresenta-se não só com o sujeito nulo (“**0 Faz a lição de casa agora**” / “**0 Faça** a lição de casa agora”), mas também com o sujeito preenchido (“*Você*<sub>sujeito</sub> **faça** a lição de casa agora”/“*Você*<sub>sujeito</sub> **faz** a lição de casa agora”), cf. Rumeu & Carvalho (2018, p. 396).

### 3 A influência do *você-sujeito* nas construções imperativas de 2SG: o que nos dizem algumas análises históricas?

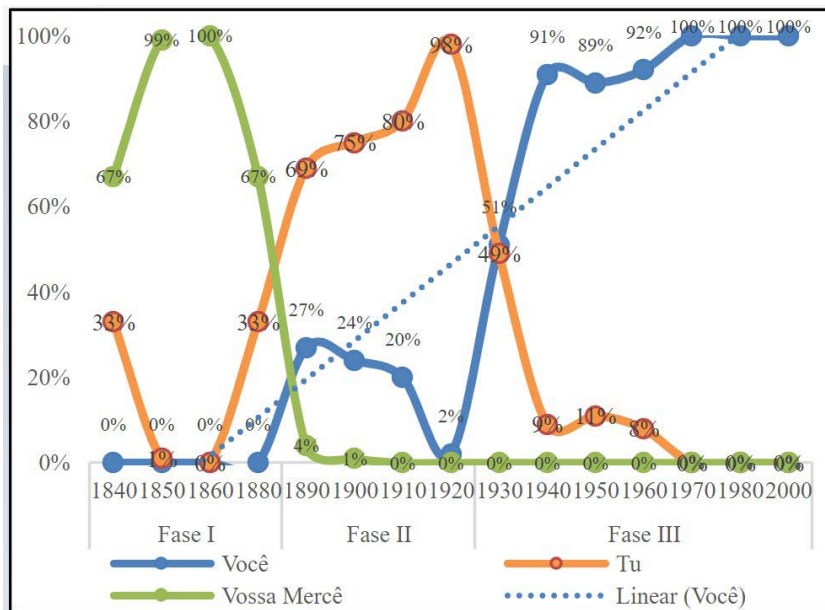
Com o intuito de comprovar a hipótese de que o avanço do *você* tenha se dado, gradual e paulatinamente, pelos espaços funcionais do *tu*, Diniz & Rumeu (2019) buscaram verificar se as estruturas imperativas de *tu* (indicativo) ou de *você* (subjuntivo) acompanhariam ou não, nas missivas cariocas, os pronomes-sujeitos de 2SG (*tu*, *você*), tendo em vista os resultados de Souza (2012).

Gráfico 1 – Os pronomes-sujeito de 2SG nas cartas cariocas (1870-1970).



Fonte: Souza (2012, p. 90).

Gráfico 2 – O imperativo de 2SG nas cartas cariocas (1860-1980).



Fonte: Diniz (2018, p. 122).

Nas missivas cariocas, o cotejo entre as produtividades das 762 oco de pronomes-sujeito de 2SG (SOUZA, 2012) e as 732 construções imperativas de 2SG (DINIZ, 2018) permite-nos refletir analiticamente sobre a reorganização do sistema pronominal do PB em função da implementação do *você*. Em um século de produção epistolar carioca (gráfico 1), as formas *tu* e *você* alternam em uma dinâmica que conduz Souza (2012) à detecção de três momentos no processo de implementação do *você* no quadro pronominal. Entre os anos de 1870 e 1890, o *tu* atinge elevados índices de produtividade (69%, 38 oco; 83%, 131 oco; 84%, 120 oco). Já nos primeiros vinte anos do século XX (1900-1920), os níveis de alternância entre as formas *tu* e *você* são mais intensos, mas ainda o *tu* se destaca (56%, 81 oco; 56%, 112 oco; 53%, 115 oco). Entre os anos 1930 e 1970 do século XX, o *você* passa a vigorar como a estratégia prevalente nas cartas cariocas (60%, 111 oco; 98%, 57 oco; 100%, 20 oco; 100%, 57 oco; 100%, 53 oco). A interpretação de Souza (2012) é a de que os anos 1930 do século XX tenham figurado como o

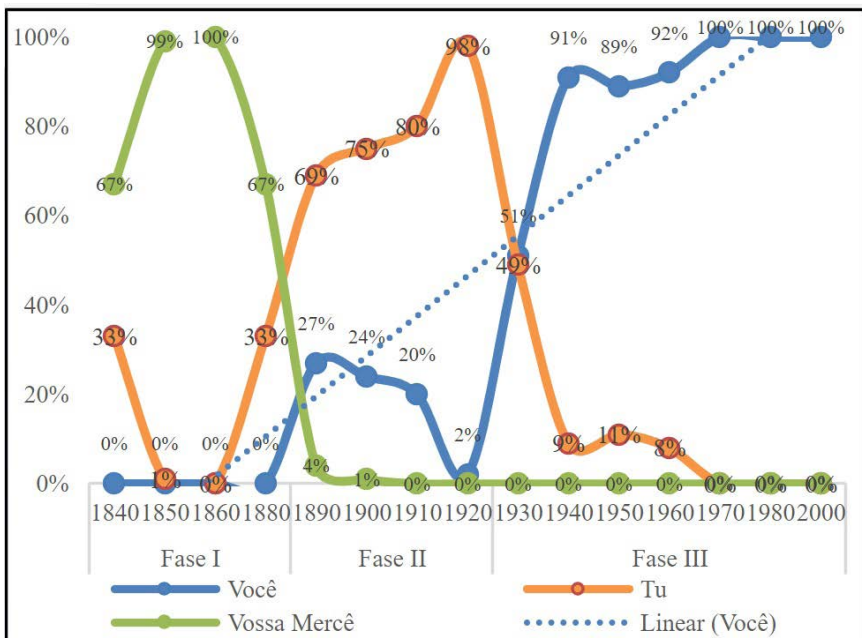


momento em que a implementação do *você* é estimulada no PB, o que está em consonância com outra consequência da reorganização do sistema pronominal que é a mudança na marcação do parâmetro de língua *pro drop*, cf. Duarte (1995).

Em relação às construções imperativas de 2SG das cartas cariocas (gráfico 2), constatamos, à luz de Diniz (2018), uma ativa dinâmica entre o imperativo supletivo e o imperativo verdadeiro, na segunda metade do século XIX (fases I e II). Enquanto a preferência foi categórica pelas sentenças imperativas do paradigma de *você* nas missivas da década de 1860 do século XIX, tal situação é revertida, na década de 1870, para o imperativo verdadeiro (57%, 11 oco), que passa a competir com o imperativo supletivo (43%, 9 oco). Na fase II, observamos as altas produtividades para as formas do imperativo verdadeiro, passando pelos índices de 62%, 8 oco (1880); 78%, 14 oco (1890) e 56%, 10 oco (1900). Já nas primeiras décadas do século XX, constatamos a força da intensa variação entre o imperativo supletivo, em 53% dos dados, e o imperativo verdadeiro, em 47% dos dados. A partir da 1ª década do século XX, o imperativo verdadeiro passa a assumir um declínio nos seus índices percentuais até fins do século XX (1910 → 47%, 63 oco; 1920 → 47%, 131 oco; 1930 → 33%, 34 oco). Especificamente a partir dos anos 1930 do século XX, o imperativo supletivo passa a predominar, gradual e progressivamente (1930-1939 → 67%, 67 oco; 1940-1949 → 83%, 90 oco; 1950-1989 → 100%), conformando-se ao início do processo de estabilização da produtividade do *você-sujeito* nas cartas cariocas analisadas por Souza (2012).

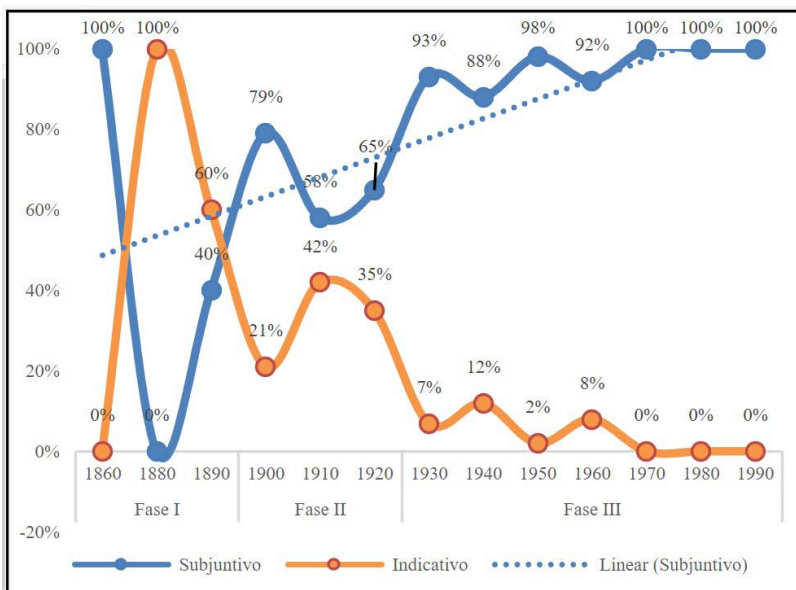
Ao compararmos os resultados do estudo de Souza (2012) aos de Diniz (2018), observamos que há uma simetria entre a opção pelo *você-sujeito* e as construções supletivas nas cartas cariocas dos séculos XIX e XX.

Gráfico 3: Os pronomes-sujeito de 2SG nas cartas mineiras (1840-2000).



Fonte: Souza (2021, p. 107).

Gráfico 4: O imperativo de 2SG nas cartas mineiras (1860-1990).



Fonte: Carvalho (2020, p. 162).

Nas missivas mineiras (gráfico 3), observamos, à luz da análise de Souza (2021), as 1194 oco das formas *vossa mercê*, *ocê* e *tu* distribuídas entre os anos de 1840 e 2000 a partir de três fases. Entre os anos de 1840 e 1880 (fase I), evidenciamos que o *vossa mercê* prevalece (1840 → 67%, 2 oco; 1850 → 99%, 67 oco; 1860 → 100%, 5 oco; 1880 → 67%, 2 oco), ainda que em alternância com o *tu* (1840 → 33%, 1 oco, 1850 → 1%, 1 oco; 1860 → 0%, 1880 → 33%). Entre os anos de 1890 e 1920, observamos que enquanto o *vossa mercê* decresce até não ter se mostrado mais produtivo nas cartas mineiras analisadas (4%, 2 oco → 1890; 1%, 1 oco → 1900; 0% → 1910; 0% → 1920), o *tu* (1890 → 69%, 38 oco; 1900 → 75%, 60 oco; 1910 → 80%, 57 oco; 1920 → 98%, 292 oco) assume a liderança, ainda que em alternância com o *ocê* (1890 → 27%, 15 oco; 1900 → 24%, 19 oco; 1910 → 20%, 14 oco; 1920 → 2%, 5 oco). A partir dos anos 1930 do século XX (fase III), estão em variação as formas *tu* e *ocê*. Nesse momento do século XX, o *ocê* passa a ser forma pronominal mais produtiva nas cartas mineiras (1930 → 51%, 93 oco; 1940 → 91%, 88 oco; 1950 → 89%, 134 oco; 1960 → 92%, 121 oco; 1970 → 100%, 37 oco; 1980 → 100%, 10 oco; 2000 → 100%, 6 oco), ao passo que o *tu* tem o seu uso em declínio (1930 → 49%, 88 oco; 1940 → 9%, 9 oco; 1950 → 11%, 16 oco; 1960 → 8%, 10 oco; 1970 → 0%; 1980 → 0%; 2000 → 0%). Convém atentarmos ao quão significativo é o fato de o ano de 1930 figurar como o momento de referência para a estabilização do *ocê*, tendo em vista a questão de os anos 1930 do século XX mostrarem-se como o período da mudança de parâmetro do sujeito nulo no PB (DUARTE, 1995), como já observado na produção escrita carioca (SOUZA, 2012).

Nas cartas mineiras, verificamos, à luz de Carvalho (2020), a alternância entre as 388 formas do indicativo e do subjuntivo nas construções imperativas de 2SG delineada em três fases, distribuídas entre os anos de 1860 e 1990 (gráfico 4). Em fins do século XIX (1860-1890), a alternância categórica entre as formas de imperativo verdadeiro (1860 → 0%; 1880 → 100%; 1 oco; 1890 → 60%, 23 oco) e supletivo (1860 → 100%, 3 oco; 1880 → 0%; 1890 → 40%, 15 oco) é principalmente motivada pelas distribuições pouco equânimes de cartas e, conseqüentemente, dos dados, o que é conseqüência de um trabalho que lida com fontes históricas. No início do século XX, o panorama de variação mostra-se mais estável em favor do imperativo supletivo. Entre os anos de 1900 e 1920, apesar de as construções de imperativo supletivo

terem prevalecido (1900 → 79%, 27 oco; 1910 → 58%, 28 oco, 1920 → 65%, 11 oco), ainda se mostram em concorrência com o imperativo verdadeiro (1900 → 21%, 7 oco; 1910 → 42%, 20 oco; 1920 → 35%, 6 oco). A partir da década de 30 do século XX (fase III), a projeção é de curva de ascendência para as sentenças de imperativo supletivo (1930 → 93%, 68 oco) em detrimento das de imperativo verdadeiro.

O cotejo entre as análises de Souza (2021) e de Carvalho (2020) embasadas em missivas mineiras evidenciam curvas de implementação para a forma variante inovadora. Como observado para as cartas cariocas, é possível também constatar, nas cartas mineiras, um panorama de simetria entre as opções pelo *você-sujeito* e pelas construções de imperativo supletivo.

#### **4 Alguns procedimentos teórico-metodológicos da sociolinguística histórica aplicados às missivas mineiras: a *autoria*, a *autenticidade* e a *validade social e histórica* das amostras.**

Neste estudo, assumimos como ponto de partida o fato de os potenciais da variação e da mudança que hoje se manifestam nas línguas humanas também terem se deixado evidenciar outrora (*The uniformitarian principle*). À luz do princípio do uniformitarismo da mudança linguística (LABOV, 1994, p. 21), entendemos, neste texto, o presente em relação à atual manifestação variável das construções imperativas de 2SG no PB (SCHERRE, 2007; CARDOSO, 2009) como o ponto de partida para a apreensão de tal fenômeno em sincronias passadas, o que representa a expressão do paradoxo diacrônico (*Historical paradox*) nos termos de Labov (1994, p. 11). Enveredamos, assim, pelo PB escrito nos séculos XIX e XX, tendo como ponto de partida o comportamento variável das construções imperativas de 2SG (indicativo (**aceita**) versus subjuntivo (**aceite**)), no PB atual.

Ao buscarmos o foco para o vernáculo a partir do seu testemunho escrito, deparamo-nos com o “problema dos filtros” (ROMAINE, 1982 [2010]). A sociolinguística histórica tem potencial próprio e “deveria desenvolver seus próprios objetivos, metodologias e teorias” (BERGS, 2005, p. 21)<sup>2</sup>. Ao lidarmos com fontes históricas que tendem a ser

---

<sup>2</sup> “Instead, historical sociolinguistics must be bold enough to loosen its ties with present-day sociolinguistics and traditional historical linguistics, and to develop its own methodologies, aims, and theories.” (BERGS, 2005, p. 21.)

“fragmentárias, escassas e dificilmente vinculáveis à produção real de seus falantes”, cf. Conde Silvestre (2007, p. 35),<sup>3</sup> entendemos que cabe ao linguista-pesquisador atentar, em sua incursão ao “reino das traças” (LOBO, 2009, p. 307) no interior dos arquivos públicos e privados (CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY & CONDE SILVESTRE, 2012), aos traços do vernáculo do PB de sincronias passadas (AGUILLAR, 1998).

As dinâmicas de levantamento, seleção e organização das amostras históricas nos arquivos (públicos e privados) requerem a reconstrução dos perfis sociais do redator (autor), atentando às variáveis origem (brasileiro ou português), sexo (homem ou mulher), faixa etária (jovem, adulto, idoso), nível de escolarização (escolarizado ou não escolarizado), profissão/função social (professor, advogado, escritor...), cf. discutido por Lima, Marcotulio & Rumeu (2019), Rumeu (2013), Hernández-Campoy & Schilling (2012), Lobo (2001). O êxito dos trabalhos da sociolinguística histórica depende de parâmetros metodológicos específicos às realidades linguísticas de sincronias passadas (LOPES & RUMEU, 2018). Nesse sentido, passamos a uma breve discussão acerca da *autoria, autenticidade e validade social e histórica* (HERNÁNDEZ-CAMPOY & SCHILLING, 2012) como critérios confiáveis à preparação das amostras do PB escrito em sincronias passadas.

A construção de *corpora* confiáveis aos estudos linguísticos exige do linguista-pesquisador voltar o foco a alguns procedimentos metodológicos (a *autoria, a autenticidade e a validade social e histórica*) relacionados à composição de uma amostra que, neste texto, é composta por duzentas e duas (202) cartas mineiras resguardadas em arquivos públicos brasileiros<sup>4</sup>. Trabalhamos com um conjunto de missivas conservadoramente transcritas em suas expressões fac-similar e semidiplomática (SPINA, 1977) sem que tenha havido qualquer

<sup>3</sup> “En comparación con la diversidad, cantidad y autenticidad de los datos a disposición del investigador en sociolingüística sincrónica o en lingüística descriptiva, la información de que dispone quien intenta desarrollar su investigación en el ámbito de la lingüística o la sociolingüística histórica es fragmentaria, escasa y dificilmente vinculable con la producción real de sus hablantes.” (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 35.)

<sup>4</sup> Em cena, temos amostras de missivas levantadas em acervos mineiros (em sua maioria). São eles: o Acervo dos Escritores Mineiros (AEM/UFMG), o Arquivo Público Mineiro (APM), o Museu Abílio Barreto (MAB), o Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG) e o Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH).

intervenção em relação à grafia, à pontuação e às demais práticas textuais específicas dos séculos XIX e XX.

A questão *autoria* das amostras históricas é basilar nos estudos da sociolinguística histórica. É tarefa do linguista-pesquisador certificar-se das possibilidades de a missiva ter sido produzida por quem a assina (documento autógrafo), por um punho diferente daquele que a assina (documento apógrafo) ou ainda por se tratar de um texto cuja autoria é intelectual (testemunho ideógrafo), já que quem o produz o faz sob a supervisão do responsável pela semântica do documento (autoria intelectual). Como se pode perceber, as análises linguísticas embasadas em manuscritos de sincronias passadas dependem de edições orientadas pelos conhecimentos paleográficos (SPINA, 1977; ACIOLI, 1994; BERWANGER & FRANKLIN LEAL, 2008 [1995]). Neste texto, apresentamos os resultados da análise do potencial variável das sentenças imperativas de 2SG a partir de conservadoras transcrições de cartas pessoais (amorosas, familiares e de amizade), redigidas e assinadas (manuscritos autógrafos) por hábeis escreventes, nascidos em terras mineiras (em sua maioria).

A *autenticidade* das amostras exige que o linguista-pesquisador atente ao fato de que as fontes históricas são sempre registros escritos e mais propícios, pois, à expressão da norma-padrão, tendo em vista também os altos níveis de habilidade dos redatores em relação aos modelos de escrita, ainda que possam expor dados de possíveis hipercorreções, mistura dialetal e erros, cf. Labov (1994, p. 11). Nos registros escritos pretéritos, restaram-nos tão somente as evidências positivas que sobreviveram às intempéries do tempo nos acervos. Considerando a atuação do “filtro da escrita” (ROMAINE (1982 [2010]) nos textos históricos, entendemos que pode permitir, em alguma medida, a expressão da norma de uso de uma época pretérita. Nesse sentido, acreditamos que as “cartas pessoais” através dos seus subgêneros (amorosas, familiares e de amizade) tendam a evidenciar o vernáculo do PB escrito dos séculos XIX e XX, uma vez que se mostram como contextos de expressão da intimidade das relações sociais entre os missivistas. Acreditamos que a *autenticidade* das cartas mineiras em análise esteja alicerçada no fato de se tratar de correspondências movidas por contextos de relações sociais distensas e íntimas, incentivando a presente análise acerca de um traço da norma de uso do PB (CUNHA, 1995) que é o imperativo abrigado no século XIX.

A reconstrução dos perfis sociais dos redatores das missivas é condição para validarmos os resultados linguísticos voltados às amostras históricas do PB escrito em sincronias passadas. Nesse sentido, a *validade social e histórica* das amostras é observada não só em função da reconstituição dos perfis dos escreventes, mas também em virtude da reconstrução das estruturas da sociedade que os acolhiam (LABOV, 1994) em sincronias passadas<sup>5</sup>. Considerando que o foco de análise deste trabalho está direcionado à análise de cartas pessoais produzidas por escreventes cultos, o levantamento dos seus perfis sociais é viabilizado pelo caráter ilustre dos redatores cujos perfis biográficos puderam ser reconstituídos através de índices genealógicos e dicionários biográficos (BUENO & BARATA, 2000; MARTINS FILHO, 2013). O fato de lidarmos com fontes originais autógrafas permite-nos comprovar a *autoria* das amostras e, conseqüentemente, a sua *validade social e histórica*.

Neste trabalho, deixamo-nos orientar também pelos princípios da teoria da variação e mudança (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968 [2006]; LABOV, 1994). Em termos metodológicos, as formas variantes das construções imperativas (indicativo ou subjuntivo), levantadas em duzentas e duas (202) cartas mineiras, foram submetidas ao pacote de programas Goldvarb (ROBINSON, LAWRENCE & TAGLIAMONTE, 2001), não só para o cálculo das suas frequências de uso, mas também para a apreensão dos seus índices probabilísticos (GUY & ZILLES, 2007).

Considerando o comprometimento do linguista-pesquisador, ao voltar-se para estudos metodologicamente conduzidos pela apreensão da variação e mudança no eixo do tempo (BERGS, 2005), expusemos os parâmetros para o levantamento e seleção das amostras de missivas históricas fundamentadas na sociolinguística histórica (BERGS, 2005; CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY & SCHILLING, 2012). Passamos à análise geral das construções imperativas de 2SG correlacionadas às formas *tu* e *você*.

---

<sup>5</sup> “...we usually know very little about the social position of the writers, and not much more about the social structure of the community.” (LABOV, 1994, p. 11)

## 5. O imperativo de 2SG: a variação entre o verdadeiro e o supletivo.

A expectativa é a de que o imperativo supletivo seja a forma ativada na escrita mineira, tendo em vista a preferência, na fala mineira, pelo *você-sujeito*, cf. já descrito e discutido por Coelho (1999), Peres (2006), Scherre *et alii* (2015). Passamos, pois, à distribuição geral dos dados.

TABELA 1 – O imperativo de 2SG nas cartas mineiras: distribuição geral dos dados.

O IMPERATIVO DE 2SG	
INDICATIVO ( <i>tu</i> )	SUBJUNTIVO ( <i>você</i> )
73/388	315/388
(19%)	(81%)

Fonte: Carvalho (2020, p. 116)

Em termos gerais, temos em análise uma regra variável orientada em relação à expressiva preferência pelas estruturas imperativas associadas ao subjuntivo, em 81% dos dados (315), em oposição às associadas ao indicativo, em tão somente 19% dos dados (73), confirmando os resultados de Diniz (2017) e Silva (2017) para as cartas cariocas oitocentistas e novecentistas. De (4) a (6), ilustramos a alternância entre o indicativo (**deixa, vem, espera**) e o subjuntivo (**deixe**).

- (4) “Não fôras *tu<sub>sujeito</sub>*, minha terna companheira e a vida para mim seria detestavel! Ah! **deixa**, minha Helena, **deixa** que nestas paginas eu fale esta linguagem cheia d. sentimento [...]” (JP. RJ, 14.02.1891)
- (5) “Lucia, se *estás<sub>sujeito</sub>* disposta a não ter conforto, **vem** desde já; se não, **espera** que a nova tribu Delio – Celina volta [...]” (AM. RJ, janeiro de 1944)
- (6) “Como *você<sub>sujeito</sub>* anda ocupado [...] **Deixe** por em instante a burocracia!” (OLR. RJ, 09.01.1957)

Passamos, na seção 5, às distribuições das sentenças imperativas vinculadas aos pronomes-sujeito de 2SG. A opção por apresentarmos tão somente os resultados probabilísticos para o *sujeito* está sustentada não só no fato de se tratar do segundo fator selecionado na análise multivariada, mas também na busca por entender até que ponto a inserção do *você* no sistema pronominal repercutiu na reestruturação do paradigma do imperativo de 2SG do PB.



## 6. A influência do pronome-sujeito no contexto do imperativo de 2SG: evidências históricas do imperativo abrigado.

Em termos de resultados gerais da rodada multivariada cujo valor de aplicação (variável dependente) é o indicativo<sup>6</sup>, observamos a força do contexto de sujeito, o que está comprovado também no fato de este ter sido selecionado como o segundo fator relevante às construções imperativas (etapa *stepping up*)<sup>7</sup>. Nos limites deste artigo, restringimo-nos não só a verificar se as estruturas imperativas de *tu* (indicativo) ou de *você* (subjuntivo) acompanhariam ou não as escolhas para a referência ao interlocutor das cartas (*tu-sujeito*, de *você-sujeito* e de *tu/você*), mas também a testar a hipótese de que o *você* tenha avançado, gradual e paulatinamente, pelos espaços funcionais do *tu*, cf. Lopes & Cavalcante (2011), Rumeu (2013), Rumeu (2016), Diniz & Rumeu (2019), Rumeu (2019).

TABELA 2 – Construções imperativas de 2SG: distribuição geral dos dados.

SUJEITO DE 2SG	CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE 2SG	
	INDICATIVO	PESO RELATIVO
Cartas de <i>tu/você-sujeito</i> (mistas)	21/35 (60%)	<b>0.903</b>
Cartas de <i>tu-sujeito exclusivo</i>	23/48 (48%)	<b>0.821</b>
Cartas de <i>você-sujeito exclusivo</i>	9/191 (5%)	0.312
Valor de aplicação: indicativo. Best <i>stepping up</i> run: 49. <i>Input</i> : 0.062.	53/274 <sup>8</sup> (19%)	

Fonte: Carvalho (2020, p. 183).

A partir da tabela 2, identificamos os contextos de alternância *tu/você* (0.903) e de *tu-sujeito exclusivo* (0.821) como propulsores do imperativo associado ao indicativo (imperativo verdadeiro). Os altos índices percentuais e probabilísticos do indicativo (60% e 0.903)

<sup>6</sup> A rodada multivariada em análise deu-se com *Log likelihood* –108.059 e o nível de significância (*significance*) foi de 0.008 ( $p < 0.05$ ).

<sup>7</sup> Os demais contextos selecionados foram os seguintes na ordem de seleção do GoldVarb: o *paralelismo formal e semântico* (1º contexto selecionado), o *subgênero da missiva* (3º contexto selecionado), a *polaridade da construção imperativa* (4º contexto selecionado) e o *paralelismo fônico* (5º contexto selecionado).

<sup>8</sup> É importante esclarecermos que essas 274 ocorrências de construções imperativas estão restritas às cartas cujas referências ao interlocutor deram-se exclusivamente por *tu*, por *você* ou pela alternância *tu/você*.

nas cartas mistas, cf. ilustramos de (7) a (10), parecem já anunciar o imperativo abasileirado.

- (7) “Tambem foram logo aproveitadas as photographias dos vasos que Você<sub>su</sub> mandou. [...] Se quiseres<sub>su</sub> poderás<sub>su</sub> voltar no outro dia [...] **Desculpa** o cumprimento da carta. Ao menos verás<sub>su</sub> que as ideias...” (JP. Caeté, 28.01.1901)
- (8) “Aposto sem medo de perder como foi voce<sub>su</sub> quem pintou o palhacinho no cartão? [...] **Recebe** lembranças do Barbosa Regina, Levy [...] **Abraça** por mim a tia Sinhá e as meninas.” (L. Thebas-MG, 24.01.1925)
- (9) “Muito te agradeço a parte que estás<sub>su</sub> tomando em meus soffrimentos, [...] Peço-te encarecidamente **lembra**-te sempre de mim [...] Tenho fé em Deus que você<sub>su</sub> ha de ser muito feliz...” (FAPJ. Caeté, 03.07.1917)
- (10) “João disse que você<sub>su</sub> pode repetir o remédio, que não tem inconveniente. [...] **Lembra** seu Pae que no dia 28 acabou o mez della.” (MRVL. 02.02.1946)

### Considerações finais

As cartas mineiras oitocentistas e novecentistas mostram-se bem controladas quanto à reconstrução dos perfis sociais dos redatores, ainda que essas amostras imponham algumas restrições relacionadas à distribuição quantitativa das cartas pessoais pelos seus subgêneros textuais (amizade, amor, familiar), sexo (homens e mulheres) e faixa etária dos redatores (juventude, adulez e velhice). Isso posto, passamos à sistematização dos principais resultados deste estudo em função das questões e hipóteses inicialmente propostas.

(a) As construções imperativas de 2SG das cartas mineiras seriam mais produtivas com formas no indicativo ou no subjuntivo? Nas cartas mineiras dos séculos XIX e XX (1860-1990), observamos um impulso do imperativo supletivo principalmente a partir de 1930 (gráfico 4), conformando-se com o movimento de expansão do *você-sujeito* (gráfico 3) também a partir da década de 30 do século XX, momento da mudança de parâmetro do sujeito nulo no PB (DUARTE, 1995).

(b) No contexto de *você-sujeito* das cartas mineiras oitocentistas, as construções imperativas de 2SG já se apresentariam, em algum nível, como evidência do imperativo abasileirado, conforme já observado nas cartas cariocas (RUMEU, 2016; SILVA, 2017; DINIZ, 2018)? O contexto da variação *tu/você* mostra-se como um dinamizador das construções imperativas associadas ao indicativo (0.903), representando um reflexo histórico (DINIZ, 2018; CARVALHO, 2020) desse traço da norma de uso do PB (CARDOSO, 2009; SCHERRE, 2007). Isso quer dizer que o imperativo abasileirado está impulsionado pelo contexto das cartas mistas mineiras (*tu/você*), comportando-se, pois, como uma repercussão da inserção do *você* no sistema pronominal do PB (LOPES, 2007; LOPES & CAVALCANTE, 2011).

Em síntese, constatamos, também nas cartas mineiras, o contexto de *sujeito* como uma variável linguística relevante à produtividade das sentenças imperativas de 2SG associadas ao indicativo. Identificamos ainda as cartas mistas (*tu/você-sujeito*) como um contexto motivador do imperativo abasileirado cuja manifestação, no século XIX, representa um vestígio histórico de um traço específico da norma de uso do PB. Ainda que, nas considerações finais, tenhamos de sistematizar alguns dos principais resultados das pesquisas que, por sua vez, refletem os encaminhamentos de estudos com base em missivas históricas brasileiras (DINIZ, 2018; CARVALHO, 2020; SOUZA, 2021), admitimos que esta análise não esgota o imperativo de 2SG.

Assumimos o inovadorismo das análises voltadas aos contextos de imperativo de 2SG e da alternância *tu/você* (contexto de sujeito não-imperativo), uma vez que estão embasadas em amostras de missivas íntimas e autógrafas de redatores brasileiros nascidos e/ou residentes nos espaços geográficos de Minas Gerais (SOUZA, 2021; CARVALHO, 2020; RUMEU *et alii*, 2019) e do Rio de Janeiro (RUMEU, 2019; DINIZ & RUMEU, 2019; DINIZ, 2018; SILVA, 2017; RUMEU, 2016; RUMEU, 2013; SOUZA, 2012), respaldando a revelação do vernáculo do PB escrito em sincronias passadas (séculos XIX e XX) que se mostrou acessível justamente porque há pesquisadores engajados nas dinâmicas de levantamento e edição de confiáveis fontes históricas (LOPES & RUMEU, 2018; RUMEU, 2013; SOUZA, 2012). Reconhecemos, pois, a potencialidade dos resultados expostos neste texto, tendo em vista principalmente os rastros históricos do imperativo abasileirado (“*aceita você*”) em missivas brasileiras oitocentistas.

Assim sendo, acreditamos que esta análise possa contribuir para estimular os estudos sobre o caráter variável do imperativo de 2SG em sua expressão escrita não só de sincronias passadas, mas também de sincronias recentes, em distintas e diversificadas amostras.

## Referências

ACIOLI, V. L. C. *A escrita no Brasil Colônia: um guia para a leitura de documentos manuscritos*. Recife: UFP: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 1994.

AGUILLAR, R. C. Presencia de lo oral en lo escrito: la transcripción de las declaraciones en documentos indianos del siglo XVI. In: OESTERREICHER, W.; STOLL, E.; WESCH, A. (Ed.). *Competencia escrita, tradiciones discursivas y variedades lingüísticas: aspectos del español europeo y americano en los siglos XVI y XVII*. Tübingen: Narr, 1998. p. 219-242.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª. ed. Atualizada pelo Novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009 [1961].

BERGS, A. *Social networks and historical sociolinguistics: studies in morphosyntactic variation in the Paston letters (1421-1503)*. Walter de Gruyter, 2005.

BERWANGER A.R.; LEAL J.E.F. *Noções de paleografia e diplomática*. 3ª ed. rev. e ampl. Santa Maria: Ed. UFSM; 2008 [1995].

BARATA, C. E. A.; BUENO, A. H. C. *Dicionário das Famílias Brasileiras*. Volumes I e II. São Paulo: Ibero-América, 2000.

CARDOSO, D. B. B. *Variação e mudança do imperativo no português brasileiro: gênero e identidade*. 2009. 160 f., il. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

CARVALHO, L. F. *O estatuto variável do imperativo de 2ª pessoa do singular em missivas mineiras: um estudo sociolinguístico de cunho histórico (séculos XIX e XX)*. Orientador: Márcia Cristina de Brito Rumeu. 2020. 202 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

COELHO, M. S. V. *Uma abordagem variacionista do uso da forma você no Norte de Minas*. 1999. 95 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

CONDE SILVESTRE, J. C. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.

CUNHA, C. *A questão da norma culta*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007 [1985].

DINIZ, J. S. *A expressão variável do imperativo de 2ª pessoa do singular no português brasileiro*: análise de cartas pessoais dos séculos XIX e XX. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

DINIZ, J. S.; RUMEU, M. C. B. O estatuto variável das construções imperativas de 2SG no português brasileiro escrito dos séculos XIX e XX. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 20, n. 22, p. 175-194, ago./dez., 2019.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio 'Evite pronome' no português brasileiro*. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Inédita, 1995.

FARACO, C. A. *The Imperative Sentence in Portuguese: a semantic and historical discussion*. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Salford, Salford, 1982.

FARIA, I. H. O uso da linguagem. In: MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; FARIA, I. H.; FROTA, S.; MATOS, G.; OLIVEIRA, F.; VIGÁRIO, M.; VILLALVA, M. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2006. p. 55-84.

GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. (Eds.). *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2012.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; SCHILLING, N. The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. (Eds.). *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2012. p. 63-79.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994, v. I.

LIMA, A. X.; MARCOTULIO, L. L.; RUMEU, M. C. B. Experiências metodológicas em constituição de *corpora*: pistas para um pesquisador iniciante. In: CASTILHO, A. T. (Org.). *História do português brasileiro: corpus diacrônico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019, v. 2, p. 68-91.

LOBO, T. C. F. *Para uma sociolinguística histórica do português no Brasil. Edição filológica e análise linguística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX*. Volume II. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

LOBO, T. C. F. Arquivos, acervos e reconstrução histórica do português brasileiro. In: OLIVEIRA, K. S.; HIRÃO, F. C.; COELHO, J. S. B. (Orgs.) *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias*. Salvador: EDUFUBA, 2009.

LOPES, C. R. S.; RUMEU, M. C. B. A identificação dos perfis socioculturais dos redatores de corpora históricos: encaminhamentos metodológicos. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 20 – Especial, p. 147-168, 2018.

LOPES, C. R. S. Pronomes pessoais. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014 [2007]. p. 103-114.

LOPES, C. R. S.; CAVALCANTE, S. R. O. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Linguística*, v. 25, p. 30- 65, jun. 2011.

MARTINS FILHO, A.V. *Novo Dicionário Biográfico de Minas Gerais: 300 anos*. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amilcar Martins, 2013.

MATEUS, M. H. M. *et alii*. Gramática da língua portuguesa. Lisboa: Caminho, 2006.

PAREDES SILVA, V. L.; SANTOS, G. M.; RIBEIRO, T. O. Variação na 2ª pessoa: o pronome sujeito e a forma do imperativo. *Gragoatá*, v. 9, n. 9, p. 115-123, 2000.

PERES, E. P. *O uso do você, ocê, cê em Belo Horizonte: um estudo em tempo aparente e em tempo real*. 2006. 247 f. Tese (Doutorado em Letras: Linguística) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. *GoldVarb 2001: A Multivariate Analysis Application for Windows. User's Manual*. Toronto: University of Toronto, 2001.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 51. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

ROMAINE, S. *Socio-historical linguistics: its status and methodology*. New York: Cambridge University Press, 2010 [1982].

RUMEU, M. C. B. A inserção do *você* no português brasileiro escrito dos séculos XIX e XX: reflexos nas construções imperativas de 2SG. *LABORHISTÓRICO*, v. 5, p. 15-38, 2019.

RUMEU, M. C. B.; SOUZA, A. L. P.; SOUZA, E. Q.; ALCANTARA, I. R.; MARTINS, G. V. S.; DINIZ, J. S.; SANTOS, M. A.; SILVA, N. F.; ALVES, N. G.; CARDOSO, N. D.; FIGUEIREDO, R. Amostras históricas do português escrito nos séculos XIX e XX: orientações metodológicas. *LABORHISTÓRICO*, v. 5, p. 329-363, 2019.

RUMEU, M. C. B.; CARVALHO, L. F. O imperativo em livros didáticos de língua portuguesa: a distância entre pesquisa e ensino. *Matraga*, v. 25, n. 44, p. 391-409, 2018.

RUMEU, M. C. B. Formas variantes do imperativo de segunda pessoa nos séculos XIX e XX: a expressão do social. *Signum: Estudos da Linguagem*, 2016. v. 19, n. 2, p. 310-41.

RUMEU, M. C. B. *Língua e sociedade: a história do pronome você no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca, 2013.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SCHERRE, M. M. P. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no Português Brasileiro. *Alfa*, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 189-222, 2007.

SCHERRE, M.; DIAS, E. P.; ANDRADE, C.; MARTINS, G. F. Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo, Contexto, 2015, p.133-172.

SEARLE, J. R. *Speech acts: An essay in the philosophy of language*. Cambridge university press, 1969.

SILVA, E. N. *Formas imperativas de segunda pessoa no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SILVA, A. K.; LOPES, C. R. S.; OSÓRIO, P. Variação do Imperativo de 2ª pessoa em Enunciados de Provas da Escola de Formação de Professores Ferraz Bomboco (Huambo, Angola). *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, vol. 14, p. 99-124, 2019.

SOUZA, E. Q. *As formas de referência ao sujeito de 2ª pessoa do singular em missivas mineiras dos séculos XIX e XX: uma análise linguístico-social*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

SOUZA, J. P. F. *Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SPINA, S. *Introdução à edótica: crítica textual*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix/Edusp. 1977.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Recebido em: 30 de junho de 2021.

Aprovado em: 03 de março de 2022.